

## II – Surge uma nova voz



**Dias Lopes: o homem escolhido para organizar a APEP**

**N**ão foi fácil para Mario Dias Lopes trocar o seu Rio de Janeiro natal por São Paulo. Nada contra a Pauliceia, mas o fato é que ele, em 1971, tinha um bom emprego e gozava de muito prestígio no Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, ligado ao hoje extinto Banco Nacional da Habitação (BNH). Lá ele conheceu Paulo Accioly Fragelli, que o convidou a trabalhar na Promon, uma referência nacional na área de projetos de engenharia. Depois de ponderar os prós e contras, este estatístico formado pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas, em 1959, decidiu se submeter a um teste durante 30 dias, assumindo a incumbência de montar bancos de dados setoriais para a empresa paulista. Resultado: Mario nunca mais deixou São Paulo. Na Promon, além de abastecer seus colegas com sofisticadas análises econômicas e, depois, secretariar a diretoria, ele foi testemunha da criação daquele que é hoje o mais antigo dos fundos de pensão patrocinados pelo setor privado: a Fundação Promon de Previdência Social (FPPS). “Em 1985, com a aposentadoria do Oswaldo Gusmão, assumi o comando da Fundação. Naquela época, os fundos de pensão viraram uma febre entre os empresários, por conta da sua aura de inovação e

de controles burocráticos muito mais simples que os atuais”, relembra o executivo, que não tardaria a se tornar figura central no processo de expansão da previdência complementar fechada no País.

No fim daquela década, os patrocinadores e gestores de fundos de pensão ligados à iniciativa privada andavam insatisfeitos. Seus interesses e pontos de vista, com razoável frequência, ficavam em segundo plano em relação aos das fundações públicas no âmbito da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar, a Abrapp, fundada em 1983. Era preciso ter voz própria. Essa percepção era particularmente mais forte nos corredores e escritórios da Promon. A empresa já tinha larga tradição de militância em entidades setoriais e órgãos oficiais. Só para citar alguns exemplos, Oswaldo Gusmão, da Fundação, foi o primeiro presidente da Abrapp, o vice-presidente Júlio Cesar Bruschini de Queiroz integrou o Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC) e Paulo Accioly Fragelli, um dos fundadores da Promon e da FPPS, havia sido conselheiro da Abrapp. Não foi surpresa, portanto, a missão dada por Queiroz a Lopes. “Ele me pediu que criasse uma associação para fazer valer os interesses dos fundos de pensão do setor privado. A APEP, portanto, surgiu dentro da Promon e a partir das reuniões lá realizadas com gestores de outras fundações para debater problemas comuns”, conta Dias Lopes.

***“A APEP surgiu dentro da Promon,  
a partir das reuniões lá realizadas  
com gestores de outras fundações  
para debater problemas comuns”***

Redigida por um dos advogados da Promon, a ata de constituição da Associação dos Fundos de Pensão de Empresas Privadas, a APEP, data de 22 de novembro de 1989. Curiosamente, foram também 22 as fundações presentes ao “parto”, realizado na sede da Citiprevi Sociedade de Previdência Privada, na então meca do sistema financeiro nacional, a avenida Paulista. Logo de cara, a organização ganhou um apelido pejorativo: “Paulistinha”, por conta de uma suposta predominância dos fundos paulistas em sua composição inicial. “Era pura intriga da oposição”, diverte-se Dias Lopes, eleito o primeiro presidente. “Cerca de 50% das fundadoras da APEP eram de outros Estados e só há poucos anos a Associação passou a ser presidida por paulistas. Que ‘Paulistinha’ era essa?!”

Aqueles foram tempos de muito entusiasmo, esforço e alguma improvisação. O endereço oficial da sede de fato ficava na Promon, no Itaim Bibi, mais precisamente na sala ocupada por Dias Lopes. Só dois anos depois a APEP ganharia sua primeira sede, um espaçoso conjunto de escritórios na rua Tabapuã, também no Itaim Bibi. Apoio para montar a “casa própria” não faltou. “Procurei o Mario e lhe disse: 'Pode contar com uma máquina de escrever elétrica da IBM'”. Outros colegas fizeram o mesmo”, conta Geraldo Teixeira Garcia, que sucedeu Dias Lopes na presidência.

Se a estrutura da Associação levou algum tempo para ser constituída, o seu prestígio se tornou evidente desde o nascedouro. Assim como Júlio Cesar Bruschini de Queiroz, o mentor da organização, Dias Lopes participou do Conselho de Previdência Complementar (CPC), iniciando uma tradição depois mantida por outros dirigentes da APEP nos órgãos colegiados que sucederam o CPC: o Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC) e o atual Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNPC). São os casos, entre outros, de Garcia, Luiz Ernesto Gemignani e Luiz Gonzaga Marinho Brandão, da Promon, Heraldo Alves Margarido Júnior, da Femco, Paulo Tolentino, da Odeprev, e do atual 1º vice-presidente da organização, Marcelo Macêdo Bispo, também ligado à Odeprev.

Na verdade, mais do que presidente, Dias Lopes era um autêntico embaixador da Associação. Valendo-se de seu permanente bom humor e de muita dedicação, não perdia uma oportunidade para divulgar a APEP e as suas bandeiras, de redução da burocracia e de um tratamento diferenciado aos fundos de pensão do setor privado, com o objetivo de tornar a previdência fechada mais atraente para o empresariado. “Eu e o Plínio do Amaral Pinheiro, da Fundação Duratex, vendíamos o peixe da APEP em todo e qualquer contato: almoços, jantares, happy hours etc.”, lembra ele.

Depois de cumprir dois mandatos como presidente, o último deles encerrado em 1995, Dias Lopes seguiu no dia a dia da APEP, emprestando sua experiência aos sucessores, que o reverenciam como um sábio e divertido patriarca. Ele foi membro do Conselho Consultivo na gestão de Geraldo Teixeira Garcia e no primeiro mandato de Fernanda Antunes Calmon Gomes, passando depois a prestar serviços para a Associação. “O Mario soube se posicionar muito bem em relação à antiga Secretaria de Previdência Complementar, a SPC. Ele delimitou o nosso espaço junto ao poder, em Brasília, e ainda foi o responsável pela disseminação de estudos e pesquisas da Universidade de Wharton sobre sistemas de previdência. Esses textos tiveram importância fundamental para a evolução dos conhecimentos dos profissionais do setor sobre as novidades da área no exterior”, destaca Garcia.